



SEÇÃO: RESENHA

Barboza, J. *O naufrago da existência: Machado de Assis e Arthur Schopenhauer – Caricatura, paródia, tragédia e ética animal*. São Paulo: Editora Unesp, 2022, 177 p.

Barboza, J. *The Castaway of Existence: Machado de Assis and Arthur Schopenhauer – Caricature, Parody, Tragedy, and Animal Ethics*. São Paulo: Unesp Publishing, 2022, 177 p.

Barboza, J. *El Naufrago de la Existencia: Machado de Assis y Arthur Schopenhauer – Caricatura, Parodia, Tragedia y Ética Animal*. São Paulo: Editorial Unesp, 2022, 177 p.

Gleisy Picoli¹

orcid.org/0000-0003-2063-3094
gleisypicoli@yahoo.com.br

Recebido: 19 fev. 2024.

Aprovado: 12 jun. 2024.

Publicado: 23 ago. 2024.

Resumo: O livro *O naufrago da existência: Machado de Assis e Arthur Schopenhauer – Caricatura, paródia, tragédia e ética animal*, de Jair Barboza, explora a influência de Schopenhauer na obra de Machado de Assis, propondo que a personagem Quincas Borba seja uma caricatura do filósofo alemão e sua filosofia do humanitismo, uma paródia do pessimismo metafísico schopenhaueriano. Barboza baseia-se em descobertas bibliográficas e analisa obras como *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba* para fundamentar sua tese. Ele também destaca a ética animal em Machado, influenciada por Schopenhauer, e como essa abordagem foi seguida por outros autores brasileiros. O livro é destinado a leitores interessados na intersecção entre literatura e filosofia.

Palavras-chave: Schopenhauer; Machado de Assis; caricatura; paródia; ética animal.

Abstract: The book *The Castaway of Existence: Machado de Assis and Arthur Schopenhauer – Caricature, Parody, Tragedy, and Animal Ethics*, by Jair Barboza, explores the influence of Schopenhauer on the works of Machado de Assis, proposing that the character Quincas Borba is a caricature of the German philosopher and his philosophy of humanitism, a parody of Schopenhauerian metaphysical pessimism. Barboza bases his analysis on bibliographic discoveries and examines works such as *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* and *Quincas Borba* to support his thesis. He also highlights the animal ethics in Machado, influenced by Schopenhauer, and how this approach was followed by other Brazilian authors. The book is intended for readers interested in the intersection between literature and philosophy.

Keywords: Schopenhauer, Machado de Assis, caricature, parody, animal ethics

Resumen: El libro *El Naufrago de la Existencia: Machado de Assis y Arthur Schopenhauer – Caricatura, Parodia, Tragedia y Ética Animal* de Jair Barboza explora la influencia de Schopenhauer en la obra de Machado de Assis, proponiendo que el personaje Quincas Borba es una caricatura del filósofo alemán y su filosofía del humanitismo una parodia del pesimismo metafísico schopenhaueriano. Barboza se basa en descubrimientos bibliográficos y analiza obras como *Memorias Póstumas de Brás Cubas* y *Quincas Borba* para fundamentar su tesis. También destaca la ética animal en Machado, influenciada por Schopenhauer, y cómo este enfoque fue seguido por otros autores brasileños. El libro está destinado a lectores interesados en la intersección entre literatura y filosofía.

Palabras clave: Schopenhauer; Machado de Assis; caricatura; parodia; ética animal.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

¹ Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, SP, Brasil.

Que o escritor carioca Machado de Assis (1839-1908), considerado pelos críticos literários um dos maiores nomes da literatura brasileira, era um assíduo leitor de Voltaire e Schopenhauer, a sua biblioteca, conservada pela Academia Brasileira de Letras, não nos deixa dúvidas. A obra de Schopenhauer, ao lado da obra de Voltaire, é a que mais espaço ocupa na seção de filosofia da biblioteca machadiana². A recepção e a assimilação do pensamento de Schopenhauer na obra machadiana podem ser notadas sobretudo na crônica "O autor de si mesmo" e nos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Quincas Borba*. Sobre a personagem-filósofo Quincas Borba, que aparece nesses romances mencionados ao lado de seu fiel amigo, o cão também chamado Quincas Borba ("o que quer dizer, em duas palavras, que o nome era comum ao cachorro e ao dono"³), Jair Barboza apresenta-nos em *O naufrago da existência* uma tese inovadora, lastreada em recente descoberta bibliográfica, de que Quincas Borba, o filósofo, é uma caricatura de Schopenhauer; e sua filosofia, o humanitismo, é uma paródia do pessimismo metafísico de Schopenhauer.

Barboza encontra na seção de filosofia da biblioteca machadiana o livro de Jean Bordeau *Arthur Schopenhauer, pensées et fragments. Vie de Schopenhauer. Sa correspondance*. Trata-se de uma seleção de textos com uma breve biografia de Schopenhauer, datada de 1880, o que leva Barboza a concluir: "portanto, um ano antes da versão definitiva das suas *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de 1881, em que entra em cena o filósofo Quincas Borba de Barbacena, autor de uma esquisita filosofia chamada Humanitismo. Onze anos depois, em 1891, Machado de Assis publica a versão acabada de *Quincas Borba*, em que o filósofo de Barbacena reaparece na companhia do seu cachorro homônimo, tratado por ele como se pessoa fosse, com tanto amor,

a ponto de torná-lo o seu herdeiro testamentário"⁴. Nessa biografia, além de ser traçado o perfil de Schopenhauer como de um gênio louco, é mencionado o fato de que seu poodle Átma fora um dos herdeiros de sua fortuna. E eis que tais destaques biográficos coincidem perfeitamente com a vida do filósofo louco Quincas Borba, que nomeia seu amigo Rubião, o herdeiro universal de sua fortuna, sob a condição de que ele cuidasse bem de seu cachorro Quincas Borba.

Para Barboza, o modelo literário que inspirou Machado de Assis foi, certamente, a personagem Pangloss da obra *Cândido ou otimismo* de Voltaire, uma caricatura do filósofo Leibniz e uma paródia de seu otimismo metafísico. Segundo Pangloss, estamos no melhor dos mundos possíveis, mas sabemos que o autor dessa tese é, na verdade, Leibniz, defensor do universo perfeito, como resultado da infinita bondade de Deus. Em oposição à tese de Leibniz, Schopenhauer afirma: "contra as flagrantes provas sofisticadas de LEIBNIZ de que este é o melhor dos mundos possíveis, podemos opor séria e honestamente a prova de que este é o PIOR dos mundos possíveis"⁵. Se, por um lado, o filósofo Quincas Borba é uma caricatura de Schopenhauer, a sua filosofia do humanitismo, por sua vez, é otimista e lembra a tese de Leibniz; por isso, Barboza a denomina de paródia filosófica por inversão, um pessimismo invertido. Enquanto Schopenhauer cita Calderón: "*Pues el delito mayor/ Del hombre es haber nacido*"⁶ e defende o ascetismo, Quincas Borba afirma que "verdadeiramente há só uma desgraça: é não nascer" e ridiculariza a figura do asceta: "o ascetismo é uma tolice, uma perda de tempo, um atentado ao estômago e à boa mesa"⁷. Ademais, quando um jornal carioca noticia a morte de Quincas Borba, ressalta sua incansável batalha contra o pessimismo amarelo e enfezado, a moléstia do século, e acrescenta que "a última palavra dele foi que a dor era uma ilusão, e que Pangloss não

² BARBOZA, J. *O naufrago da existência: Machado de Assis e Arthur Schopenhauer – Caricatura, paródia, tragédia e ética animal*. São Paulo: Editora Unesp, 2022, p. 15.

³ QB. Disponível em: < <https://machado.mec.gov.br> >. Acesso em: 22 jul. 2024.

⁴ BARBOZA, *op. cit.*, p. 18-19.

⁵ W II, p. 696.

⁶ W I, p. 61

⁷ QB. Disponível em: < <https://machado.mec.gov.br> >. Acesso em: 22 jul. 2024.

era tão tolo como o inculcou Voltaire"⁸.

O leitor machadiano bem sabe que a ironia e o humor são elementos presentes em suas obras, e o romance *Quincas Borba* é um exemplo disso. Podemos acompanhar, por exemplo, o cômico, porém trágico, naufrágio da personagem-filósofo que, aos poucos, é consumido pela doença que o define dolorosa e psiquicamente, mas, ainda assim, continua a defender fervorosamente a sua filosofia otimista até a morte. É evidente que os infortúnios do destino de Quincas Borba claramente contradizem a sua própria filosofia do humanitismo e isso pode até provocar riso no leitor, tal como zomba Schopenhauer da filosofia de Leibniz nas seguintes palavras: "a experiência mostra exatamente o contrário da aqui demonstrada excelência do mundo"⁹ e "o otimismo leibniziano entra em contradição com a evidente miséria da existência"¹⁰. Para Barboza, Machado de Assis transita entre o cômico e o trágico ao narrar não apenas o naufrágio existencial do filósofo Quincas Borba, mas também o de Rubião, um interiorano de boa alma que, em conversa com um casal recém-conhecido, diz que herdara uma grande fortuna e fora o herdeiro universal de um amigo. Rubião sofre, posteriormente, um golpe financeiro do casal e tem um fim triste, indo parar nas ruas, onde vaga debaixo de tempestades, passa fome e frio e delira ao lado do cão Quincas Borba até, enfim, falecer. O terceiro naufrágio, narrado por Machado de Assis, é o do amoroso cachorro que facilmente esquece os pontapés e tabefes sofridos, mas que se lembra dos distraídos afagos porque o autor diz que ele "gosta de ser amado. Contenta-se de crer que o é"¹¹. O cachorro naufraga de modo semelhante ao dono, ou seja, solitário e delirante: "queria dizer aqui o fim do Quincas Borba, que adoeceu também, ganiu infinitamente, fugiu desvairado em busca do dono, e amanheceu morto na rua, três dias depois"¹².

Na visão de Barboza, as palavras acima do narrador reforçam a ética animal de Machado de Assis, que, aliás, teria se servido da ética da compaixão de Schopenhauer, quando adota uma visão de mundo não-antropocêntrica e não-antropomórfica e aplica essa ética ao cachorro Quincas Borba. Outros grandes nomes da literatura brasileira, como Graciliano Ramos e Guimarães Rosa, o teriam seguido nessa ética animal. Segundo Barboza, Graciliano Ramos concede um heroico protagonismo à cachorra Baleia no romance *Vidas Secas*. Ele a trata como um ser que sofre e pensa, permitindo ao leitor até mesmo entrar na psique da cachorra e constatar que ela sonha, tem a mente cheia de ideias e compreende o que se passa em torno de si. Cabe destacar também o fato de que a cachorra tem um nome, enquanto as crianças que convivem com ela, são chamadas simplesmente de "menino mais velho" e "menino mais novo". Guimarães Rosa teria prestado, igualmente, um tributo a Machado em *Sagarana* ao apresentar-nos o burrinho Sete-de-Ouros, um animal com bondade de caráter que pondera e se vale de sua sabedoria de vida para agir sabiamente e salvar seus companheiros da morte.

Barboza reforça a sua tese por meio da crônica machadiana "O autor de si mesmo" (1895), publicada quatro anos depois de *Quincas Borba*, pois identifica um "ato falho" do autor que nos apresenta, de modo muito explícito, uma caricatura de Schopenhauer e uma paródia de sua metafísica do amor sexual com o personagem Abílio, que se refere aos seus pais como "meus próprios autores", e não ele mesmo como autor de si, como deveria ser segundo a filosofia schopenhaueriana. Na crônica, Arthur, chamado de "o filósofo de Dantzig", recomenda a leitura de seu livro: "é melhor que aproveites o tempo... para ler o trecho da minha grande obra, em que explico as coisas pelo miúdo. É uma pérola. Está no tomo II, livro IV, capítulo XLIV"¹³. O excelente domínio

⁸ Idem.

⁹ W I, p. 488.

¹⁰ W II, p. 224.

¹¹ QB. Disponível em: < <https://machado.mec.gov.br>>. Acesso em: 22 jul. 2024.

¹² Idem.

¹³ ASSIS, M. "O autor de si mesmo". Disponível em: < <https://machado.mec.gov.br>>. Acesso em: 22 jul. 2024.

da técnica caricatural e paródica de Machado de Assis, revelado pela crônica, permite a Barboza corroborar retrocognitivamente a sua tese.

Enfim, escrito em forma rigorosa de ensaio, Barboza destina o seu livro não só a quem lê e pesquisa Machado de Assis e Schopenhauer, mas a quem se interessa pela intersecção entre literatura e filosofia. A quem foi despertado o desejo de ler esse livro, desejo boa leitura!

Referências

ASSIS M. "O autor de si mesmo". Brasília: Portal Domínio Público (Ministério da Educação); Florianópolis: Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL/UFSC), 1895. Disponível em: < <https://machado.mec.gov.br/> >. Acesso em: 31 ago. 2022.

ASSIS, M. *Quincas Borba* [QB]. Brasília: Portal Domínio Público (Ministério da Educação); Florianópolis: Núcleo de Pesquisa em Informática, Literatura e Linguística (NUPILL/UFSC), 2008. Disponível em: <https://machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/itemlist/category/23-romance> Acesso em: 31 ago. 2022.

BARBOZA, J. *O naufrago da existência: Machado de Assis e Arthur Schopenhauer – Caricatura, paródia, tragédia e ética animal*. São Paulo: Ed. Unesp, 2022.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barboza. Tomo I [W I]. 2ª. ed. rev. São Paulo: Ed. Unesp, 2015a.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e como representação*. Trad. Jair Barboza. Tomo II [W II]. São Paulo: Ed. UNESP, 2015b.

Gleisy Picoli

Doutora em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com estágio de pesquisa na Johannes Gutenberg-Universität Mainz, Alemanha, financiado pelo DAAD (*Deutscher Akademischer Austauschdienst*). Publicou dois artigos internacionais no *Schopenhauer Jahrbuch* na Alemanha. Atuou como professora no Instituto Federal de São Paulo (IFSP) em São Roque e na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Autora do livro *A Crítica do Livre-Arbitrio por Arthur Schopenhauer*, vencedor do 1º lugar no XIX Concurso de Monografias do IFCH/Unicamp. É também coautora do livro *Schopenhauer e a religião* da NéfiOnline.

Endereço para correspondência

Gleicy Picoli

Avenida Dr. Herwan Modenessi Wanderley, 615/802, Ed. Praia de Parati

Jardim Camburi, 29092095

Vitória, ES, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Mais H Consultoria Linguística Internacional e submetidos para validação da autora antes da publicação.